

Será Que os Pais Influenciam a Orientação Sexual dos Seus Filhos? Resultados de um Estudo Longitudinal de Famílias Lésbicas

Susan Golombok e Fiona Tasker
City University

Tradução: Simão Mateus, 2007

Dados resultantes de um estudo longitudinal sobre a orientação sexual de adultos que foram criados, em crianças, por famílias lésbicas. Vinte e cinco filhos^a de mães lésbicas, e um grupo de controlo de vinte e um filhos de mães solteiras heterossexuais, foram primeiro estudados com a idade média de nove anos e meio, e depois a uma idade média de vinte e três anos e meio. Entrevistas standard semelhantes foram usadas para a obtenção dos dados sobre a orientação sexual dos jovens adultos, no desenvolvimento do estudo, e, no início do estudo, nas características das famílias e seus desempenhos nos papéis de género das crianças e mães. Apesar de, aqueles que vinham de famílias lésbicas, serem mais aptos a explorar relações com o mesmo sexo, particularmente se o seu ambiente familiar na infância tiver sido caracterizado por uma abertura e aceitação de relações gays e lésbicas, a larga maioria desses filhos identificam-se como heterossexuais.

Susan Golombok and Fiona Tasker, Family and Child Psychology Research Centre, City University, London, United Kingdom.

We are grateful to Michael Rutter for his advice and encouragement at the early stages of the follow-up study and to Clare Murray for her help with coding data. We thank the Wellcome Trust (U.K.) for funding this research and the staff at the National Health Service Central Register (U.K.) for their assistance in tracing participants.

Correspondence concerning this article should be addressed to Susan Golombok, Family and Child Psychology Research Centre, City University, Northampton Square, London EC1V 0HB, United Kingdom.

Os investigadores da psicologia e biologia dividem as opiniões entre sobre até que ponto é possível para os pais influenciarem a orientação sexual dos seus filhos. De uma perspectiva puramente biológica, os pais deveriam fazer pouca diferença. Em contraste, na área da psicologia acredita-se que a relação com os pais durante a infância é fulcral no desenvolvimento da orientação sexual na vida adulta. Pesquisas em adultos criados por famílias lésbicas dão uma oportunidade para testar os conceitos teóricos sobre o papel dos pais na orientação sexual dos seus filhos. Se os pais influenciam as suas crianças, quer estas cresçam como heterossexuais, lésbicas ou gays, então será de esperar que mães lésbicas tenham mais hipóteses, que pais heterossexuais, a virem a ter filhos gays e lésbicas. Com a excepção da investigação de Gottman's (1990) sobre filhas adultas de mães lésbicas, em que o actual comportamento sexual não é descrito, as pesquisas sobre famílias lésbicas têm-se focado nas crianças em detrimento dos adultos, e a orientação sexual não tem sido debatida. (Golombok, Spencer, & Rutter, 1983; Green, Mandel, Hotvedt, Gray, & Smith, 1986; Hoefler, 1981; Kirkpatrick, Smith, & Roy, 1981; para uma revisão, ver Patterson, 1992).

Pela literatura existente, parece que não existe um factor único que determina que uma pessoa se identifique como heterossexual ou homossexual. A opinião corrente é de que há uma variedade de factores, desde o período pré-natal, que podem influenciar o desenvolvimento numa direcção ou outra. Estudos em homens gays com irmão gémeo (Bailey & Pillard, 1991) e mulheres lésbicas com irmãs gémeas (Bailey, Pillard, Neale, & Agyei, 1993) descobriram que uma significativa maioria de gémeos monozigóticos eram gays ou lésbicas, em relação aos gémeos heterozigóticos. A grande semelhança entre gémeos idênticos em relação aos não idênticos leva a crer uma ligação genética à homossexualidade. Apesar disto não querer dizer que uma orientação homossexual (ou heterossexual) está dependente de um específico padrão genético. A identificação de um marcador genético para a homossexualidade foi recentemente relatada por Hamer, Hu, Magnuson, Hu, e Pattatucci (1993). De 40 pares de irmãos rapazes, todos homossexuais, em 33 deles foi encontrado o marcador numa pequena secção do cromossoma X, sugerindo que é capaz de haver um gene específico, ainda por localizar, ligado à homossexualidade masculina. Contudo, a presença deste gene, se existir, não determina necessariamente a orientação homossexual, e nem todos os homossexuais masculinos tem de ter este gene, o marcador não foi encontrado em sete pares de irmãos! Pode ser antes um dos factores que influencia ao longo do desenvolvimento uma orientação homossexual em vez de heterossexual.

^a **Children**, no original. Os autores referem-se quase sempre como children (crianças) aos filhos ou filhas de gays e lésbicas, palavra que, como crianças em Português, compreende os dois géneros, masculino e feminino. Na tradução optou-se por se usar filhos como o conjunto dos filhos e filhas, e por não conferir a estes um carácter tão infantil. N.d.T.

Níveis de hormonas sexuais podem constituir outro factor. Apesar de não existirem diferenças consistentes nos níveis de hormonas entre adultos heterossexuais e homossexuais (Meyer-Bahlburg, 1984), existem indícios que sugerem que um ambiente hormonal pré-natal pode desempenhar um papel importante no desenvolvimento da orientação sexual. Estudos de mulheres com Hiperplasia Supra-Renal Congénita (CAH)^b, uma desordem transmitida geneticamente em que um mau funcionamento das glândulas supra-renais faz produzir um elevado nível de androgénios desde período pré natal, descobriu que estas mulheres são mais aptas a descreverem-se a si próprias como bissexuais ou lésbicas do que as mulheres que não têm esse mau funcionamento glandular, sugerindo que níveis pré-natais elevados de androgénios podem estar associados à orientação sexual lésbica (Dittman, Kappes, & Kappes, 1992; Money, Schwartz, & Lewis, 1984). Também uma maior proporção de mulheres expostas *in útero* a estrogénio sintético dietilestilbestrol (DES)^c, um derivado de androgénio, relataram uma maior receptividade lésbica ou bissexual, quando comparadas tanto com mulheres não expostas da mesma clínica como com as suas irmãs não expostas (Ehrhardt et al., 1985). No entanto, é importante notar que, tanto a maioria das mulheres com hiperplasia supra-renal congénita, como a maioria das mulheres expostas no período pré-natal ao DES, são heterossexuais apesar da sua história endócrina atípica. Com base nesta pesquisa, juntamente com a pesquisa animal que tem demonstrado que as hormonas sexuais influenciam o desenvolvimento do comportamento sexual e diferenças sexuais na morfologia do cérebro (Goy & McEwen, 1980), foi proposto que as hormonas sexuais pré-natais podem agir no substrato neural do cérebro humano facilitando o desenvolvimento como heterossexual ou homossexual (Hines & Green, 1990; Money, 1987, 1988). No entanto, os mecanismos envolvidos na ligação entre hormonas sexuais pré-natais, dimorfismos sexuais na morfologia do cérebro, e na orientação sexual, ainda não foram estabelecidos (Byne & Parsons, 1993). Contudo, uma diferença anatómica importante no hipotálamo entre homens homossexuais e heterossexuais foi recentemente identificada (LeVay, 1991), apesar de a razão para esta diferença, e de como ela pode influenciar a orientação sexual, ainda ser desconhecida.

Algumas investigações apontam para uma relação entre o comportamento de género não convencional na infância e a homossexualidade na idade adulta. Em estudos retrospectivos foram vistas diferenças de comportamento de género entre homens homossexuais e heterossexuais (Bell, Weinberg, & Hammersmith, 1981; Saghir & Robins, 1973; Whitam, 1977), e entre mulheres homossexuais e heterossexuais (Bell et al., 1981; Safer & Reiss, 1975; Whitam & Mathy, 1991), com os homens e mulheres homossexuais a terem mais actividades esperadas do género oposto^d. Em estudos prospectivos em rapazes com desordem na identidade de género (American Psychiatric Association, 1994), os meninos que expressavam mais fortemente o desejo de pertencerem ao outro sexo e que, caracteristicamente, enveredaram num comportamento transgénero, incluindo uma preferência marcada por amigos do outro sexo, revelaram que mais de dois terços das crianças desenvolveram uma orientação homossexual ou bissexual na idade adulta (Green, 1987; Zuger, 1984). Contudo, a identificação de um elo de ligação entre o comportamento transgénero em criança e a homossexualidade em adulto não significa que todos, ou mesmo a maioria dos adultos que se identificam como homossexuais tenham tido comportamentos não convencionais dos seus papéis de género em crianças. Uma porção substancial de adultos gays e lésbicas que participaram em estudos retrospectivos não referiram quaisquer, ou praticamente nenhuns, comportamentos transgéneros durante a infância. E estudos prospectivos que examinaram homens gays que tinham ido, durante a infância, a clínicas por causa de comportamentos marcadamente transgéneros, não são representativos da generalidade da população adulta de homossexuais. Investigações, da influência paternal nas não conformidades de género durante a infância, falharam na identificação de uma associação clara e consistente entre ambos, tanto para rapazes (Roberts, Green, Williams, & Goodman, 1987) como para raparigas (Green, Williams, & Goodman, 1982; Williams, Goodman, & Green, 1985). Contudo, como a demonstrar que a orientação sexual resulta de interacções complexas entre os indivíduos e o ambiente social, estudos que demonstraram um elo entre comportamento transgénero durante a infância dos rapazes e homossexualidade em adultos, sugere que rapazes femininos, e possivelmente raparigas masculinas, de famílias lésbicas, podem ser mais passíveis de desenvolver uma orientação homossexual do que os seus equivalentes nas famílias heterossexuais.

Da perspectiva da teoria clássica da aprendizagem social, os dois processos que importam para o desenvolvimento de género nas crianças são o reforço diferenciado e a modelagem^e por indivíduos do mesmo sexo, particularmente pais do mesmo sexo (Bandura, 1977; Lytton & Romney, 1991; Maccoby & Jacklin, 1974; Mischel, 1966, 1970). Contudo, os investigadores da aprendizagem social focaram-se no desenvolvimento dos comportamentos dos papéis de género em vez da orientação sexual, na medida em que a orientação sexual resulta da aprendizagem social (...). Disto, poder-se-ia esperar que diferentes padrões de reforço pudessem operar das famílias lésbicas para famílias heterossexuais, em que os jovens das famílias lésbicas tivessem menos probabilidades de serem desencorajadas em embarcar em relacionamentos

^b congenital adrenal hyperplasia (CAH), no original. N.d.T.

^c synthetic estrogen diethylstilbestrol (DES), no original. N.d.T.

^d cross-gender activities, no original. "Actividades de género cruzadas" refere-se a comportamentos que um individuo tem que seriam de esperar serem do sexo oposto. N.d.T.

^e differential reinforcement and the modeling, no original. N.d.T.

gays ou lésbicos. Com respeito a modelagem, investigadores contemporâneos da aprendizagem social acreditam agora que é o modelo estereótipo de género, mais do que pais do mesmo sexo, que promove o desenvolvimento do género (Bandura, 1986; Bussey & Bandura, 1984; Perry & Bussey, 1979). Assim, não mais seria de esperar que raparigas adoptassem uma identidade lésbica simplesmente pela observação e imitação das suas mães lésbicas. Mas por virtude das suas famílias não tradicionais, os filhos e filhas destas mães tem menos ideias e estereótipos rígidos sobre o que é aceitável como comportamentos sexuais masculinos e femininos, e podem estar mais abertos a envolverem-se numa relação homossexual, do que os filhos de famílias heterossexuais. Consequentemente, de uma perspectiva da teoria da aprendizagem social, a orientação sexual das crianças pode ser influenciada por comportamentos, da família em que foram criadas, relacionados com a sexualidade.

Examinando os mecanismos cognitivos que envolvem o desenvolvimento do género, investigadores do desenvolvimento cognitivo e da aprendizagem social, tem-se focado na aquisição de comportamentos típicos do género em detrimento da orientação sexual (Kohlberg, 1966, 1969; Martin, 1993; Martin & Halverson, 1981). As explicações do desenvolvimento cognitivo no desenvolvimento do género têm enfatizado que as crianças desenvolvem activamente para si próprias, através do mundo de géneros que as rodeiam, o que significa ser masculino ou feminino, e adoptam comportamentos e características que procuram como sendo coerentes com o seu próprio sexo. De novo, estereótipos de género, mais do que os pais, são vistos como sendo a primeira fonte de informação relacionada com o género. Para compreender como o processo cognitivo pode contribuir para a assimilação de uma orientação homo ou heterossexual, parece que os jovens procuram informação que vem na linha da sua orientação sexual emergente, e vem a avaliar-se e identificar-se com essas características que são consistentes com a sua percepção de si próprios como heterossexuais, lésbicas ou gays. Investigadores do desenvolvimento cognitivo dão menos ênfase ao papel comportamental dos pais do que aos comportamentos prevalecentes no meio social envolvente. Assim, o contexto social da família, dentro de uma comunidade que pode aceitar ou rejeitar a homossexualidade, é considerado, para os jovens, um facilitador ou inibidor na exploração de relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo.

Teorias da construção social partem da premissa que desejos sexuais não são qualidades sexuais com que um indivíduo nasce ou que sejam sociabilizadas por experiências durante a infância (e.g., Kitzinger, 1987; Simon & Gagnon, 1987; Tiefer, 1987). O que estas abordagens têm de comum é o ênfase que se dá ao papel activo do indivíduo, guiado pela sua cultura, na estruturação da realidade e criação de significados sexuais para actos particulares. É considerada a identidade sexual ser construída durante o percurso de vida. Primeiro o indivíduo toma conhecimento dos cenários culturais de encontros sexuais e depois desenvolve fantasias internas associadas ao despertar sexual (códigos intrapsíquicos) e relações interpessoais^f para orquestrar actos sexuais específicos (Gagnon, 1990; Simon & Gagnon, 1987). Acredita-se ser importante a identificação com pessoas modelos de referência^g que permitam ao indivíduo construir uma identidade homossexual ou neutralizar uma potencial homossexualidade. Por exemplo: pais heterossexuais podem responder negativamente ao que se apercebem como actividades sexuais das crianças com outras do mesmo sexo (Gagnon, 1977). Plummer (1975) sugere que a consciência de outros que se identificam como homossexuais valida os sentimentos de atracção por pessoas do mesmo sexo que poderiam de outra forma passar despercebidos ou serem negados. Contudo, pela perspectiva da construção social, é esperado que as crianças criadas em famílias lésbicas sejam mais aptas, que as suas congéneres das famílias heterossexuais, a adoptarem para si uma identidade gay ou lésbica em resultado de uma exposição a um estudo de vida familiar lésbico, e, frequentemente, a um estilo de vida familiar gay também.

Apesar dos investigadores da área da psicoanálise susterem a visão de que a homossexualidade advém de relações conturbadas com os pais (Freud, 1905/1953, 1920/1955, 1933; Socarides, 1978), estudos empíricos sobre a influência do relacionamento pais/filhos no desenvolvimento de uma identidade gay ou lésbica não conseguiram produzir resultados conclusivos. Num estudo, em relatórios de psicoanalistas, das relações familiares dos seus pacientes homossexuais masculinos, os pais dos homens gays eram descritos como hostis e distantes e as mães como “mães galinha”, íntimas e dominantes (Bieber et al., 1962). Sem ser com amostras de pacientes, Evans (1969), também mostrou um padrão similar de uma mãe chegada e pai afastado e frio. Contudo Bene (1965b) não encontrou evidências de que os homens gays, que não estavam em terapia, tivessem sido mais super protegidos, mimados ou mais agarrados às suas mães do que homens heterossexuais, e num estudo de larga escala e bem controlado feito por Siegelman (1974), não foram identificadas diferenças no historial dos pais de homossexuais e heterossexuais que eram baixos em neuroticismo^h. Estudos sobre os pais de mulheres lésbicas também falharam na demonstração de resultados conclusivos, embora alguns investigadores tenham referido mães de mulheres lésbicas como dominantes e pais submissos ou fracos (Bell et al., 1981; Bene, 1965a; Kaye et al., 1967; Newcombe, 1985).

^f **sexual arousal (intrapsychic scripts) and interpersonal scripts**, no original. N.d.T.

^g **significant others**, no original. N.d.T.

^h **low on neuroticism**, no original. Neuroticismo é uma tendência global a apresentar respostas de ansiedade exagerada, de ser neuro-vegetativamente hiperreativo, de mostrar uma maior fatigabilidade física e mental, de ser proclive à frustração e resistente a mudar os hábitos desadaptativos. N.d.T. retirado de dicionário de neuro ciências em <http://www.psiqweb.med.br/gloss/dicn.htm> a 21/06/2007.

Apesar das pesquisas existentes terem falhado na procura da prova que demonstrasse que os comportamentos dos pais influenciem a orientação sexual dos filhos, todos os estudos até à data investigaram famílias heterossexuais. Além disso, esses estudos focaram-se na qualidade do relacionamento pais-filhos em detrimento doutros aspectos do ambiente familiar. Pela investigação da preferência do parceiro sexual dos jovens adultos que cresceram em famílias lésbicas, esperamos examinar no presente estudo, o impacto na orientação sexual ao ter-se sido criado no seio de uma família lésbica, e assim dirigir a questão sobre que influencia os pais possam ter, se é que tem, no desenvolvimento dos seus filhos como gays, lésbicas ou heterossexuais. Os dados deste estudo foram recolhidos inicialmente quando as famílias tinham os seus filhos em idade escolar. Assim, este estudo prospectivo não fornece somente dados sobre a orientação sexual dos jovens adultos criados por mães lésbicas, como também permite examinar o processo por que as crianças passam na infância, com as suas características e experiências familiares. e que podem influenciar o desenvolvimento da orientação sexual durante a transição para a sua vida adulta.

Método

Amostra

Vinte e sete mães lésbicas com os seus filhos e um respectivo grupo de controlo de vinte e sete mães solteiras heterossexuais e os seus 39 filhosⁱ participaram num primeiro estudo em 1976-1977 quando a média das idades era de 9.5 anos (Golombok et al., 1983). Os dois tipos de famílias partilhavam o facto das crianças terem sido criadas pelas mães, na ausência de um pai no seio familiar, mas diferindo na orientação sexual das progenitoras. Foram utilizados procedimentos semelhantes para chegar a mães dos dois grupos: anúncios em publicações de lésbicas e de organizações de mães solteiras. O critério para a admissão de uma mãe enquanto lésbica era a forma como elas se auto definiam na sua orientação sexual, como totalmente ou predominantemente lésbica, e que os seus relacionamentos correntes, ou mais recentes, tivessem sido com uma mulher. O critério para a admissão de uma mãe enquanto solteira (hetero) era que os seus relacionamentos mais recentes tivessem sido com homens mas em que não tivesse existido um parceiro sexual masculino a viver com elas ao tempo da duração do estudo 76/77. Os dois grupos foram comparados segundo a idade e classes sociais das mães e todas as crianças foram concebidas dentro de um relacionamento heterossexual.

Em 1992-1993 os filhos, então com uma idade média de 23.5 anos, foram entrevistados outra vez. Por razões éticas foi necessário localizar primeiro as mães para que fosse reiterada a permissão de contactar com os seus filhos. 51 das 54 mães que participaram no estudo original foram localizadas, a maioria com a ajuda da Central de Registos do Serviço Nacional de Saúde do Reino Unido^j. Três das crianças do estudo de 76/77 não conseguiram ser localizadas, uma de família lésbica e duas de famílias hetero. Além dessas uma filha de mãe lésbica morreu antes do estudo de 92/93. Dos restantes 37 potenciais casos de estudo do grupo lésbico, 25 jovens adultos foram entrevistados, assim como 21 dos 37 para o grupo hetero, representando no conjunto uma taxa de respostas de 62%. Então, o estudo de 92/93 compreendeu 25 jovens adultos criados em famílias lésbicas (8 homens e 17 mulheres) e 21 criados em famílias hetero (12 homens e 9 mulheres). As mães de onze dos doze não entrevistados, dentro do grupo lésbico, e treze dos dezasseis dentro do outro grupo, não permitiram que os seus filhos voltassem a participar no estudo. Por razões éticas, as mães que declinaram por escrito (a maioria) não foram contactadas directamente, não sendo possível conhecer os motivos da sua recusa. Aquelas que se contactou directamente, de ambos os tipos de famílias, acharam que os seus filhos não queriam ser recordados de uma altura menos feliz do seu passado. Nos restantes quatro casos de não participação, os jovens foram contactados directamente, mas não quiseram fazer parte do estudo. Faltaram repetidamente às entrevistas e mostraram um desinteresse na pesquisa.

Um exame das características demográficas dos jovens que participaram no estudo de 92/93 não demonstrou diferenças significativas entre os dois tipos de famílias para as variáveis da idade, género, etnia e habilitações académicas (ver *Tabela 1*). Havia sete pares de irmãos no grupo lésbico e cinco pares no grupo hetero. Quando do estudo de 92/93 todas as mães do grupo hetero, excepto uma, e segundo os seus filhos, tiveram pelo menos um relação heterossexual e, na maioria dos casos (18 em 20) o novo parceiro coabitou com as suas mães ainda enquanto eles moravam com elas. Da mesma forma, todos excepto um dos filhos das mães lésbicas, afirmaram que as mães tinham tido pelo menos uma relação homossexual e, em 22 dos 24 casos, as parceiras sexuais das mães tinham residido com eles. Assim, a maioria das crianças de ambos os grupos conviveram com parceiros/as^k das mães durante os seus anos de adolescência.

Os dados do estudo inicial foram testados para averiguar as possíveis razões de desvios nas amostras. Não existiram diferenças, entre os participantes que prosseguiram o estudo e os que não prosseguiram, para as seguintes variáveis: idade e género dos filhos, classe social e história psiquiátrica das mães, qualidade da relação mãe/filho, qualidade do relacionamento dos filhos com os amigos e colegas, comportamento de género^l e presença de problemas comportamentais dos filhos. Contudo, dentro do grupo lésbico, os filhos cujas mães mostraram maior conflito interpessoal com as suas companheiras, mostraram menor interesse no contributo para a continuação do estudo em 92/93, $t(19) = 3.87, p < .01$.

ⁱ Dados recolhidos de três crianças durante o estudo inicial não foram utilizados, por estas não estarem em idade escolar mas foram aqui contabilizados (no grupo lésbico um deles tinha quatro anos, outro 19 e do grupo hetero a outra criança tinha também quatro anos).

^j U.K. National Health Service Central Register, no original, N.d.T.

^k **Stepfamily** (ou stepparenting) no original, impossível de traduzir. Referente a relações entre o enteado e o cônjuge de um dos pais. N.d.T.

^l Esta variável composta deriva dos dados recolhidos nas entrevistas com as crianças assim como com as mães, pela standardização e avaliação das pontuações das mães e dos filhos.

Tabela 1
Características Demográficas dos Jovens Adultos por Tipo de Família

Variável	Mães lésbicas	Mães solteiras heterossexuais	1(44)	p	Fisher's exact p
Idade em 92/93 (anos)			0.68	<i>ns</i>	
M	23.96	23.19			
SD	4.29	3.11			
Género					<i>ns</i>
Masculino	8	12			
Feminino	1.7	9			
Etnia					<i>ns</i>
Branco	23	19			
Não branco	2	2			
Habilitações					<i>ns</i>
Superiores ^m	14	7			
Não superiores	11	14			

Medidas

Orientação Sexual. Os dados sobre a orientação sexual dos jovens adultos foram recolhidos no estudo de 92/93 pelo uso de entrevistas semi estruturadas com um esquema de códigos estandardizados que foi desenvolvido especificamente para a presente investigação (Tasker & Golornbok, in press). Cada pessoa foi entrevistada, quer em casa quer na universidade, por uma entrevistadora (Fiona Tasker). A entrevistadora não conhecia o tipo de família do entrevistado assegurando o código estandardizado que a mesma informação fosse obtida quer nos jovens de mães lésbicas quer nos de mães hetero. A secção da entrevista da história psicosexual começou com questões sobre experiências de brincadeiras sexuais durante a pré puberdade com meninos ou meninas, do mesmo sexo ou não, e sobre o interesse nos corpos de outros miúdos e desenvolvimento físico durante a puberdade. Estas questões de abertura encorajaram os participantes a contarem as curiosidades sexuais, tanto sobre o mesmo sexo como por sexos opostos, de uma forma descontraída de modo a iniciar as questões sobre a atracção sexual e relações durante a adolescência e início da vida adulta. Foi depois pedido que relatassem a sua primeira paixão e paixões subsequentes desde o início da puberdade até ao seu primeiro relacionamento sexual de forma a estabelecer o grau de atracção por pessoas do mesmo sexo ou do sexo oposto. De forma a avaliar a presença ou ausência de atracção homossexual perguntámos aos participantes se alguma vez tinham considerado a hipótese de se poderem sentir atraídos por um amigo do mesmo sexo, ou se alguma vez tinham tido fantasias sexuais com alguém do mesmo sexo. O historial cronológico dos relacionamentos sexuais foi então fornecido por cada entrevistado mencionando a sua idade quando os relacionamentos sexuais começavam, o sexo do parceiro, o grau de contacto sexual e a duração da relação. Aos participantes também perguntámos se alguma vez durante a adolescência pensaram que poderiam ter um relacionamento gay ou lésbico ou se pensam isso ser possível num futuro. Complementarmente foram recolhidas informações sobre as suas actuais identidades sexuaisⁿ como heterossexual, bissexual, lésbica ou gay.

Da entrevista retiraram-se cinco variáveis relacionadas com a orientação sexual: a) a presença de *atracção por indivíduos do mesmo sexo* (0 = não; 1 = sim) foi estabelecida através de dados na escolha do objecto sexual nas paixões, fantasias e relações sexuais desde a puberdade. Esta variável é equivalente à da escala de Kinsey para 1 ou menos em fantasias (Kinsey, Pomeroy, & Martin, 1948); b) *Ponderação numa relação gay ou lésbica* (0 = não, 1 = previamente considerada, 2 = possibilidade futura) foram pontuados de acordo com quer tenham pensado previamente que pudessem vir a experimentar uma atracção ou relação com alguém do mesmo género, ou possam vir a pensar nisso no futuro. Considerar haver a possibilidade de um relacionamento sexual com alguém do mesmo sexo nem sempre é sinónimo de atracção homossexual; c) *relacionamento sexual com pessoas do mesmo sexo* (0=não, 1=sim) pontuados com um simples encontro envolvendo somente beijos a coabitação por mais de um ano; d) para a variável *identidade sexual* (0 = heterossexual, 1 = bissexual, lésbica, gay), os inquiridos foram caracterizados conforme se identificassem como heterossexuais, bissexuais, lésbicas ou gays e previssem uma identificação enquanto tal no futuro; e) Um escalão composto por *interesse sexual por alguém do mesmo sexo* foi feito para cada participante contando de 0 = sem atracção

^m College, no original. N.d.T.

ⁿ **Sexual identity**, no original. Algumas vezes é traduzida para orientação sexual, um termo mais comum em Portugal, e que se adequa mais ao texto. N.d.T.

ou relacionamento homossexual, 1 = atracção mas não relacionamento homossexual, 2 = atracção e relacionamento homossexuais. Além disso a escala de Kinsey (Kinsey, Pomeroy, & Martin, 1948, 1953) foi medida para cada participante como 0 = exclusivamente heterossexuais, 1 = prevalentemente heterossexuais, apenas incidentalmente homossexuais, 2 = prevalentemente heterossexuais, mas um pouco mais do que incidentalmente homossexuais, 3 = igualmente heterossexuais e homossexuais, 4 = prevalentemente homossexuais, mas um pouco mais do que incidentalmente heterossexuais, 5 = prevalentemente homossexuais, apenas incidentalmente heterossexuais, 6 = exclusivamente homossexuais^o.

Cada variável foi cotada por um segundo entrevistador experiente que desconhecia o tipo de família, a fim de calcular o coeficiente kappa (Cohen, 1960). Os valores encontrados foram os seguintes: atracção por pessoas do mesmo sexo (1.00), considerar a hipótese de uma relacionamento gay ou lésbico (0.735), relacionamento sexual com alguém do mesmo sexo (1.00), identidade sexual (1.00), interesse sexual por pessoas do mesmo género (1.00), e pontuação na escala de Kinsey (0.813).

Características familiares. Usando uma entrevista standard adaptada duma previamente concebida para avaliar funcionamentos familiares (Brown & Rutter, 1966; Quinton, Rutter, & Rowlands, 1976; Rutter & Brown, 1966), obtive dados sobre as características do ambiente familiar que podem vir a por em hipótese a influência que as mães lésbicas podem ter no desenvolvimento da orientação sexual dos filhos. As variáveis que se estudaram durante a primeira entrevista, em 76-77, com as crianças ainda em idade escolar foram: a) número de anos que uma criança foi criada num lar homossexual; b) a afectuosidade da mãe para com o filho/a (0=distante a 5=muito afectuosa); c) o contacto da criança com o seu pai (0=nenhum a 2=contactos semanais); d) o comportamento de género da criança (com a maior pontuação a representar um comportamento transgénero); e) a qualidade dos relacionamentos da criança com os seus amigos (0=bom a 2=com dificuldades); f) qualidade do relacionamento da mãe com a sua actual companheira (1=completamente harmonioso a 5=seriamente conflituoso); g) o historial do relacionamento da mãe (0=quatro parceiras ou menos a 1=mais de quatro parceiras ou actual relacionamento); h) a abertura da mãe em mostrar afecto físico (0=nenhum a 2=beijo/carícia); i) a satisfação da mãe com a sua identidade sexual (1=preferia ser heterossexual a 5=positiva quanto à sua identidade lésbica); j) o envolvimento político da mãe (0=sem envolvimento em políticas gays ou lésbicas a 3=envolve-se frequentemente em políticas gays ou lésbicas); k) a preferência da mãe pela orientação sexual do filho (0=preferia heterossexual a 1=sem preferência); e l) a atitude da mãe para com homens (1=negativa a 5=sentimentos homossexuais em relação a homens). Não existem dados comparáveis do estudo inicial referentes a jovens criados em famílias heterossexuais porque não teria lógica perguntar a mães heterossexuais questões sobre os seus relacionamentos lésbicos se nunca experimentaram nenhum (ex.: perguntar a demonstração de afecto físico à sua parceira em frente aos filhos). Contudo, os dados sobre a afectuosidade da mãe, contactos das crianças com os pais, comportamento de género da criança, e qualidade do relacionamento dos filhos com os colegas, foram também obtidos durante o estudo inicial.

Resultados

Orientação Sexual: Comparação Entre Jovens Adultos Criados por Famílias Heterossexuais e Homossexuais

Como se demonstra na Tabela 2, em relação à atracção sexual por pessoas do mesmo sexo, não existem diferenças significativas entre adultos criados por famílias lésbicas e por mães solteiras heterossexuais. Nove filhos de mães lésbicas (6 filhas e 3 filhos) e quatro filhos de mães hetero (duas filhas e dois filhos) revelaram atracções homossexuais.

Completamente diferente da experiência da atracção por pessoas do mesmo sexo, é a ponderação da possibilidade de vir a ter um relacionamento gay ou lésbico. A maioria significativa dos jovens provenientes de famílias lésbicas afirmaram que já haviam pensado na hipótese de um dia poder vir a sentir uma atracção, e relacionamento, homossexual (Fischer's exact probability = .003). Quatro filhos e dez filhas de mães lésbicas afirmaram ser este o caso em contraponto com duas filhas e um filho de mães hetero. Significativamente mais filhas de mães lésbicas ponderaram a possibilidade de vir a sentir uma atracção ou um relacionamento lésbico quando comparadas com as filhas do outro grupo (Fisher's exact probability = .019). Para os rapazes essa diferença não foi significativa.

Com respeito a um envolvimento em relacionamentos homossexuais, houve uma diferença significativa tal (Fisher's exact probability = .022) que os jovens criados por mães lésbicas eram mais prováveis que já tivessem tido um relacionamento homossexual. Nenhuma das crianças provenientes de famílias hetero teve relacionamentos gays ou lésbicos. Em contraste, um filho e cinco filhas das famílias lésbicas já tinham tido um, ou mais, relacionamentos com pessoas do mesmo sexo. Quando esta análise foi repetida só para as filhas a tendência não significativa manteve-se

^o Escala de Kinsey retirada literalmente do livro "O Comportamento Sexual do Homem", Kinsey, Alfred. C., Pomeroy, Wardell B., et Martin, Clyde E. (1953), editora Meridiano, colecção "o homem e o tempo", impresso em Junho de 1972 e traduzido por Augusto Coutinho Lage e Paulo Duarte Miranda. N.d.T.

(Fisher's exact probability = .094). Foi também verificado que tanto homens como mulheres dos dois tipos de famílias tiveram pelo menos um relacionamento heterossexual.

Em termos da orientação sexual, a larga maioria dos jovens adultos criados por mães lésbicas foram identificados como heterossexuais. Só duas jovens de famílias lésbicas foram identificadas enquanto lésbicas (uma com 18 e outra com 23 anos) contra nenhuma das famílias hetero. Esta diferença entre grupos não chegou para ter um significado estatístico. Um exame na escala de Kinsey não revelou diferença significativa na proporção de jovens adultos cotados com 1 ou acima^P. Nenhum dos entrevistados com a escala de Kinsey de 1 a 5, que representa interesse sexual tanto num sexo como noutra, se auto identificou como bissexual.

Correlação Entre as Características Familiares Durante a Infância e a Orientação Sexual em Adulto

A fim de examinar prospectivamente os processos, que podem conduzir a que crianças criadas por mães lésbicas sejam mais abertas a enveredarem por relações do mesmo género do que crianças criadas por mães heterossexuais, correlacionamos as variáveis do estudo inicial relacionadas com as características familiares, com a pontuação sobre o interesse sexual por pessoas do mesmo género dos jovens adultos criados por mães lésbicas (ver Tabela 3). Descobrimos que os jovens, durante a idade escolar, das mães que revelavam uma maior abertura na demonstração de afecto físico para com as suas companheira ($r = .74, p < .001$) e os jovens cujo as mães tiveram um maior número de relacionamentos lésbicos ($r = .60, p < .01$) eram mais abertas a revelarem interesse sexual por pessoas do mesmo género. Estas correlações mantiveram-se significativas depois de cada outra variável de distorção das características familiares lésbicas ter sido controlada usando correlações parciais. Ainda, as correlações entre a preferência da mãe pela orientação sexual da sua criança, durante a infância, e a demonstração de interesse homossexual pelos jovens a chegarem a adultos, não revelaram uma tendência significativa para uma maior demonstração de interesse sexual por pessoas do mesmo género entre as mães que aceitavam que os filhos viessem a ter relacionamentos gays ou lésbicos ($r = .38, p < .10$). Não foram descobertas relações significativas entre interesse homossexual no/a jovem adulto/a e o número de anos em que este viveu no seio de uma família heterossexual, a afectuosidade da mãe para com o/a filho/a, o contacto da criança com o pai, o comportamento de género da criança, a qualidade das relações com os amigos ou colegas, a qualidade da relação da mãe com a sua companheira, o grau de satisfação da mãe com a sua identidade sexual, o envolvimento político da mãe nas lutas LGBT, ou a relação da mãe para com homens. Da mesma forma, dados obtidos das mães heterossexuais aquando do estudo inicial sobre a afectuosidade da mãe, o contacto com o pai, o papel de género da criança, e a qualidade das relações de amizade, não revelaram qualquer relação significativa entre estas variáveis e a pontuação dos jovens adultos no interesse sexual por jovens do mesmo sexo.

^P 1 = Atracção mas não relacionamento homossexual na Escala de Kinsey, já anteriormente descrita. N.d.T.

Tabela 2

Experiência de atracção pelo mesmo sexo por jovens adultos, Ponderação em relacionamentos Gays e Lésbicos, Envolvimento em relacionamentos do mesmo género, e Identidade Sexual, por tipo de família.

Variável	Mães lésbicas ^a			Mães heterossexuais solteiras			Fisher's exact ^b
	Todos	Mulheres	Homens	Todos	Mulheres	Homens	
Atracção sexual pelo mesmo género							<i>ns</i>
Atracção pelo mesmo género	9	6	3	4	2	2	
Somente pelo género oposto	16	11	5	16	7	9	
Ponderação num relacionamento gay ou lésbico ^c							.003
Possibilidade futura	6	5	1	2	1	1	
Previamente considerada	8	5	3	1	0	1	
Nunca considerada	8	5	3	15	7	8	
Relacionamento sexual pelo mesmo género							.022
Relacionamento com o mesmo género	6	5	1	0	0	0	
Sem relacionamento com o mesmo género	19	12	7	20	9	11	
Identidade Sexual							<i>ns</i>
Identidade bissexual/lesbica/gay	2	2	0	0	0	0	
Identidade heterossexual	23	15	8	20	9	11	
Pontuação na escala de Kinsey (Adultos)							<i>ns</i>
0	18			17			
1	3			3			
2	1			0			
3	1			0			
4	0			0			
5	0			0			
6	2			0			

a Dados sobre a orientação sexual para um rapaz indisponíveis.

b Fisher's calculado para homens e mulheres em combinado.

c Fisher's calculado para ponderação prévia ou futura vs. nunca ponderado, para relacionamentos gays e lésbicos. Dados indisponíveis para 3 participantes de cada grupo.

Discussão

As amostras estudadas na presente investigação são únicas no aspecto de constituírem o primeiro grupo de crianças criados em famílias lésbicas e seguidas até ao estado adulto. As informações sobre o ambiente familiar foram recolhidas antes dos participantes iniciarem relacionamentos sexuais, e os resultados relacionados com as características das famílias lésbicas e heterossexuais, em que essas crianças cresceram, não estão corrompidos pelo conhecimento da orientação sexual dos jovens na vida adulta.

No entanto, não foi verificada uma diferença significativa entre a proporção de jovens adultos criados em famílias lésbicas e heterossexuais que revelaram sentimentos de atracção por pessoas do mesmo género, daqueles que, criados numa família lésbica, ponderaram mais a possibilidade de vir a ter uma relação homossexual, e que actualmente a têm. Contudo, o pressuposto comum de que crianças criadas por mães lésbicas terão, eles próprios, tendência a viram a crescer como lésbicas ou gays, não encontrou fundamentos no presente estudo: a maioria das crianças que cresceu em famílias lésbicas identificaram-se como heterossexuais no estado adulto, e não houve diferença significativa em relação à orientação nos grupos dos dois tipos de famílias.

É importante lembrar que esta pesquisa foi conduzida com voluntários de famílias heterossexuais e lésbicas e assim a generalização dos resultados é reduzida. Contudo, procedimentos semelhantes foram usados para recrutar os dois grupos para controlar as bases de auto selecção, e houve cruzamento para as características demográficas. Não é possível recrutar uma amostra representativa de mães lésbicas dado que muitas não declaram publicamente a sua orientação sexual. Ambos os grupos, lésbicas e heterossexuais, reflectiram uma diversidade de famílias em relação a nacionalidades, diferentes contextos sócio económicos e diferentes perspectivas políticas ou apolíticas. Apesar de alguns entrevistados se terem

mostrado relutantes em admitirem orientações homossexuais, se tivesse havido um aprofundamento da entrevista, do contacto, de uma forma não formal, de estudo^q, parece ser razoável assumir que isto teria sido prevalente entre homens e mulheres de lares heterossexuais, enquanto que jovens adultos das famílias lésbicas pareceram estar mais confortáveis na discussão de assuntos lésbicos e gays em geral. A fim de minimizar estas potenciais fontes de desvios foram tomados cuidados para adoptar uma aproximação profunda mas flexível na entrevista. É possível que o pequeno tamanho da amostra resulte num subestimar a significância das diferenças do grupo, em resultado do baixo poder estatístico (erro Tipo II). Por causa das limitações de tamanho houve dados recolhidos de mais que uma criança por família, o que pode ter inflacionado a significância devido a erros de variância. Contudo, as duas filhas que se identificaram como lésbicas precediam de diferentes famílias, e dos seis jovens adultos que vinham de famílias lésbicas e tinham um relacionamento homossexual, só dois pertenciam à mesma família (um irmão e uma irmã), sugerindo que estes factos não podem ser explicados nesta base. Idealmente, um grupo de controlo adicional de famílias heterossexuais biparentais deveria ter sido incluído na avaliação, assim como um número suficientemente grande de mães lésbicas que permitissem que permitissem a subdivisão desta amostra em duas amostras de famílias lésbicas monoparentais e biparentais. Para dirigir definitivamente as questões levantadas neste artigo dever-se-ia requerer um estudo epidemiológico de larga escala de seguimento das crianças, de ambos os grupos familiares, até à sua vida adulta sobre as suas características familiares e à identidade sexual desenvolvida.

Tabela 3
Pearson Product-Moment Correlações Entre Famílias
Características na infância e jovens adultos
Interesse sexual pelo mesmo género

Overall rating of same-gender sexual interest

Variável	Mãe lésbica		Mãe solteira heterossexual	
	<i>r</i>	<i>n</i>	<i>r</i>	<i>n</i>
Nº de anos que a criança foi criada num lar heterossexual	.092	25		
Afectuosidade da mãe	.094	24	.252	19
Contacto com o pai	.280	25	.373	20
Comportamento de género da criança	.209	17	-.197	14
Qualidade dos relacionamentos infantis	.189	19	.170	14
Qualidade do relacionamento da mãe com a sua parceira	.000	13		
Nº de relacionamentos lésbicos da mãe	.596*	25		
Abertura da mãe em demonstrar afecto físico à parceira	.735**	18		
Satisfação da mãe com a sua identidade sexual	-.149	25		
Envolvimento político da mãe	.093	25		
Preferência da mãe sobre a orientação sexual do seu filho	.384t	25		
Relação da mãe com homens	-.030	25		

Nota: Traços indicam sem dados disponíveis.

t_p<.10, teste bilateral.

*p<.01, teste bilateral.

**p<.001, teste bilateral.

^q **underreporting**, no original. N.d.T.

A maior proporção de jovens adultos de famílias lésbicas que declararam ter considerado e se envolveram em relações com alguém do mesmo sexo, sugerem uma associação entre o ambiente familiar durante a infância e estes aspectos no desenvolvimento sexual. Mais ainda, a associação observada entre as famílias lésbicas pelo grau de abertura e aceitação de relacionamentos gays e lésbicos, e a atracção por pessoas do mesmo sexo nos jovens adultos é indicador da atitude familiar para a orientação sexual, isto é, a aceitação ou rejeição de estilos de vida gays ou lésbicos, constitui uma das muitas influências que pode moldar o desenvolvimento numa direcção homossexual ou heterossexual. Parece que crescer numa atmosfera de aceitação facilita os indivíduos que são atraídos por parceiros do mesmo sexo a procurar este tipo de relações. Isto pode facilitar o desenvolvimento de uma orientação sexual gay ou lésbica por parte de alguns indivíduos. Mas, curiosamente, a oportunidade de explorar relações homossexuais pode, para outros, confirmar a sua identidade heterossexual. Na presente amostra, 4 dos 6 adultos que experimentaram relações com pessoas do mesmo sexo, identificaram-se como heterossexuais no início da vida adulta. Contudo, os resultados sugerem que as filhas de mães lésbicas são mais abertas a relações homossexuais que os rapazes, e na investigação inicial, havia uma maior razão de raparigas para rapazes no grupo lésbico, e uma maior razão de rapazes para raparigas no grupo heterossexual, que se manteve no estudo posterior. Assim, a maior proporção de mulheres, de que homens, que revelaram ter considerado, ou envolvido, numa relação reflecte esta simples tendência.

É importante não esquecer que as mães e os filhos que participaram neste estudo eram geneticamente relacionados um com o outro, e assim, não é possível desentrelaçar a influência da genética dos aspectos sociais do relacionamento mãe-filhos, isto é, a influência do material genético maternal em oposição ao comportamento parental. Não pode ser excluída que a assumpção, *comming out*, para estes jovens teria sido a mesma caso tivessem sido criados por pais que não fossem geneticamente relacionados a eles (i.e: pais adoptivos). Contudo, os resultados sugerem que a diferença do grupo no interesse sexual por alguém do mesmo género é uma consequência da experiência das crianças durante o crescimento com mães lésbicas e heterossexuais, particularmente na descoberta de que, nos jovens das famílias lésbicas que demonstraram interesse homossexual, os seus ambientes familiares durante a infância eram caracterizados por uma maior abertura e aceitação dum estilo de vida lésbico. Há que notar que os jovens adultos criados em ambientes lésbicos não eram mais susceptíveis do que os outros a terem problemas de saúde mental, e ambos os grupos obtiveram pontuações com medições estandardizadas para bem estar mental que não diferiam significativamente das amostras da generalidade da população (Tasker & Golombok, 1995, *in press*).

Sem ser inconsistente com as teorias biológicas que propõem que a orientação sexual resulta de interacções entre factores pré natais e experiência pós natais (Money, 1987, 1988), os resultados desta investigação é também compatível com as explicações do construcionismo social e social-cognitivo dos mecanismos fisiológicos que envolvem o desenvolvimento de género. O que estas últimas teorias têm em comum é a visão de que a orientação sexual é influenciada, em maior ou menor grau, por normas sociais. Desta perspectiva, se uma criança cresce numa atmosfera de atitude positiva em relação à homossexualidade, é de se esperar que eles sejam mais abertos a um envolvimento numa relação gay ou lésbica. Diferentes aspectos da orientação sexual podem ser mais ou menos influenciados por experiências, tais que brincadeiras sexuais com alguém do mesmo género podem ser mais dependentes num ambiente familiar conducente do que o desenvolvimento duma identidade gay ou lésbica. Não vale de nada que nenhum dos filhos ou filhas de mães lésbicas deste estudo tenha demonstrado marcado comportamento transgénero durante a infância do tipo associado a uma futura identidade gay ou lésbica. Acrescentar que não foi encontrada diferença no comportamento de género durante a infância entre os adultos que revelaram interesse sexual pelo mesmo género e aqueles que não.

Assim, através do presente estudo, não existem evidências que sugiram de que os pais tenham uma influência determinante na orientação sexual dos seus filhos. Os resultados indicam que por se criar um clima, dentro da família de aceitação, ou rejeição, da homossexualidade, os pais podem causar algum impacto na experimentação sexual dos filhos como heterossexuais, lésbicas ou gays. Nos anos mais recentes tem-se revelado mais atenção aos contextos sociais dentro das famílias e aos processos pelos quais o ambiente social afecta os relacionamentos familiares. É importante lembrar que os jovens adultos deste estudo nasceram num tempo em que havia menos aceitação social de pessoas lésbicas e gays. Como Gagnon (1990) apontou, os jovens estão agora mais bem informados sobre estilos de vida gays e lésbicas e conhecem as possibilidades gays e lésbicas mais cedo. Como é que o clima social em mudança pode influenciar a exploração de relacionamentos do mesmo género continua aberto à especulação. Contudo, é concebível que as crianças nascidas actualmente de pais heterossexuais, com aceitação de relacionamentos gays e lésbicas, estejam, de igual forma, abertas a explorações do mesmo sexo em adultas como os jovens nascidos em famílias lésbicas estão hoje.

Bibliografia

- American Psychiatric Association. (1994). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (4th ed.). Washington, DC: Author.
- Bailey, J. M., & Pillard, R. C. (1991). A genetic study of male sexual orientation. *Archives of general Psychiatry*, 48, 1089-1096.
- Bailey, J. M., Pillard, R. C., Neale, M. C., & Agyei, Y. (1993). Heritable factors influence sexual orientation in women. *Archives of General Psychiatry*, 50, 217-223.
- Bandura, A. (1977). *Social learning theory*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.
- Bandura, A. (1986). *Social foundations of thought and action: A social cognitive theory*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.
- Bell, A. P., Weinberg, M. S., & Hammersmith, S. K. (1981). *Sexual preference.. Its development in men and women*. Bloomington: Indiana University Press.
- Bene, E. (1965a). On the genesis of female homosexuality. *British Journal of Psychiatry*, 111, 815-821.
- Bene, E. (1965b). On the genesis of male homosexuality: An attempt at clarifying the role of the parents. *British Journal of Psychiatry*, 111, 803-813.
- Bieber, I., Dain, H., Dince, P., Drellick, M., Grand, H., Gondlack, R., Kremer, R., Rifkin, A., Wilber, C., & Bieber, T. (1962). *Homosexuality study* New York: Basic Books.
- Brown, G. W., & Rutter, M. L. (1966). The measurement of family activities and relationships: A methodological study. *Human Relations*, 19, 241-263.
- Bussey, K., & Bandura, A. (1984). Influence of gender constancy and social power on sex-linked modeling. *Journal of personality and Social psychology*, 47, 1292-1302.
- Byne, W., & Parsons, B. (1993). Human sexual orientation: The biologic theories reappraise. *Archives of General Psychiatry*, 50, 228-239.
- Cohen, J. (1960). A coefficient of agreement for nominal scales. *Educational and Psychological Measurement*, 20, 37-46.
- Dittman, R. W., Kappes, M. E., & Kappes, M. H. (1992). Sexual behavior in adolescent and adult females with congenital adrenal hyperplasia. *Psycho neuro endocrinology*, 17, 1-18.
- Ehrhardt, A. A., Meyer-Bahlburg, H. F. L., Rosen, L., Feldman, L., Veridiano, N., Zimmerman, I., & McEwen, B. (1985). Sexual orientation after prenatal exposure to exogenous estrogen. *Archives of Sexual Behavior*, 14, 57-77.
- Evans, R. (1969). Childhood parental relationships of homosexual men. *Journal of consulting and Clinical Psychology*, 33, 129-135.
- Freud, S. (1933). *Psychology of women: New introductory lectures on psychoanalysis*. London: Hogarth Press.
- Freud, S. (1953). Three essays on the theory of sexuality. In J. Strachey (Ed.), *The standard edition of the complete works of Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 125-243). London: Hogarth Press. (Original work published 1905)
- Freud, S. (1955). Beyond the pleasure principle. In J. Strachey (Ed.), *The standard edition of the complete works of Sigmund Freud* (Vol. 18, pp. 3-68). London: Hogarth Press. (Original work published 1920)
- Gagnon, J. H. (1977). *Human sexuality*. Glenview, IL: Scott Foresman.
- Gagnon, J. H. (1990). Gender preference in erotic relations. The Kinsey scale and sexual scripts. In D. P. McWhirter, S. A. Sandem & J. M. Reinisch (Eds.), *Homosexuality & heterosexuality.. Concepts of sexual orientation* (pp. 177-207). Oxford, England.. Oxford University Press.
- Golombok, S., Spencer, A., & Rutter, M. (1983). Children in lesbian and single-parent households. Psychosexual and psychiatric appraisal. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 24, 551-572.
- Gottman, J. S. (1990). Children of gay and lesbian parents. In E. W. (Ed.), *Homosexuality and family relations* (pp. 177-196). New York: Harrington Park.
- Goy, R. W., & McEwen, B. S. (1980). *Sexual differentiation in the brain*. Cambridge MA: MIT Press.

- Green, R. (1987). *The "sissy boy syndrome" and the development of homosexuality*. New Haven, Cr. Yale university Press.
- Green, R., Mandel, J., Hotvedt, M., Gray, J., & Smith, L. (1986). Lesbian mothers and their children: A comparison with solo parent heterosexual mothers and their children. *Archives of Sexual Behmior* 15,167-184.
- Green, R., Wifliams, K., & Goodman, M. (1982). Ninety-nine "tornboye" and "non-tomboys": Behavioral contrasts and demographic similarities. *Archives of sexual Behavior*, 11, 247-266. Hamer, D., Hu, S., Magnuson, V, Hu, N., & Pattatucci, A. (1993). A linkage between DNA markers on the X chromosome and male sexual orientation. *Science*, 261, 321-327.
- Hines, M., & Green, R. (1990). Human hormonal and neural correlates of sex-typed behaviors. *Review of ps)ychiatry*, 10, 536-555. Hoeffeg B. (1981). Children's acquisition of sex role behavior in lesbian mother families. *American Journal of orthopsychiatry*, 51, 536-544. Kaye, H., Beri, S., Clare, J., Eleston, M., Gershwin, B., Genhwin, P., Kogan, L., Torda, C., & Wilbur, C. (1967). Homosexuality in women. *Archives of General Pswhiatry*, 17, 626-634. Kinsey, A. C., Pomeroy, W. B., & n, C. E. (1948). *Sexual behavior in the human male*. Philadelphia: Saunders.
- Kinsey, A. C., Pomeroy, W. B., & Martin, C. E. (1953). *Sexual behavior in the human female* Philadelphia. Saunders.
- Kirkpatrick, M., Smith, C., & Roy, R. (1981). Lesbian mothers and their children: A comparative survey. *American Journal ofOrthops3chiatry*, 51, 545-551.
- Kitzinger, C. (1987). *The social construction of lesbianism*. London: Sage.
- Kohlberg, L. (1966). A cognitive-developmental analysis of children's sex-role concepts and attitudes. In E. E. Maccoby (Ed.), *The development of sex differences* (pp. 82-173). Stanford, CA: Stanford University Press.
- Kohiberg, L. (1969). The cognitive developmental approach. In D. A. Goslin (Ed.), *Handbook of socialization theory and research* (pp. 347-380). Chicago: Rand McNally.
- LeVay, S. (1991). A difference in hypothalamic structure between heterosexual and homosexual men. *Science*. 253,1034-1037.
- Lytton, H., & Romney, D. M. (1991). Parents' differential section of boys and girls: A meta-analysis. *Psychological Bulletin*, 109, 267-296.
- Maccoby, E. E., & Jacklin, C. N. (1974). *The ps3vhology of sex differences*. Stanford, CA: Stanford University Press.
- Martin, C. L. (1993). New directions for knowing children's gender knowledge. *Developmental Review*, 13,184-204.',
- Martin, C. L., & Halverson, C. (1981). A schematic processing model of sex-typing and stereotyping in children. *Child Development*, 52, 1119-1134.
- Meyer-Bahiburg, H. E L. (1984). Psychoendocrine research on sexual orientation: Current status and future options. *Progress in Brain Research*, 61, 375-398.
- Mischel, W. (1966). A social learning view of sex differences in behavior. In E. E. Maccoby (Ed.), *The development of sex differences* (pp. 56-81). Stanford, CA: Stanford University Press.
- Mischel, W. (1970). Sex-typing and socialization. In P. Mussen (Ed.), *Carmichael's manual of child psjrhology* (Vol. 2, pp. 3-72). New York: Wiley.
- Money, J. (1987). Sin, sickness, or status? Homosexual gender identity and psycho neuro endocrinology. *American Psychologist*, 42, 384-399.
- Money, J. (1988). *Gay, straight or in-between: The sexology of erotic orientation*. New York: Oxford University Press.
- Money, J., Schwartz, M., & LMs, V. (1984). Adult heterosexual status and fetal hormonal masculinization and demasculinization: 46, XX congenital virilizing adrenal hyperplasia and 46, XY androgen-insensitivity syndrome compared. *Psyrrhoneuroendocrinology*, 9, 405-414. Newcombe, M. (1985). The role of perceived relative parent personality in the development of heterosexuals, homosexuals and transvestites. *Archives of sexual Behavior*, 14, 147-164.
- Patterson, C. (1992). Children of lesbian and gay parents. *Child Development*, 63, 1025-1042.
- Perry, D. G., & Bussey, K. (1979). The social learning theory of sex difference: Imitation is alive and well. *Journal ofpersonality and Social Ps3rhology*, 37, 1699-1712.
- Plummer, K. (1975). *Sexual stigma: An interactionist account*. London: Routledge & Kegan Paul.

- Quinton, D., Rutter, M., & Rowlands, O. (1976). An evaluation of an interview assessment of marriage. *Psychological Medicine*, 6, 577-586.
- Roberts, C. W., Green, R., Williams, K., & Goodman, M. (1987). Boyhood gender identity development: A statistical contrast of two family groups. *Developmental Psychology*, 23, 544-557.
- Rutter, M., & Brown, G. W. (1966). The reliability and validity of measures of family life and relationships in families containing a psychiatric patient. *Social Psychiatry*, 1, 38-53.
- Safer, J., & Reiss, B. (1975). Two approaches to the study of female homosexuality: A critical and comparative review. *International Mental Health Newsletter* 17, 11-13.
- Saghir, M. T., & Robins, E. (1973). *Male and female homosexuality.. A comprehensive investigation*. Baltimore: Williams & Wilkins.
- Siegelman, M. (1974). Parental background of male homosexuals and heterosexuals. *Archives of Sexual Behavior*, 6, 89-96.
- Simon, W., & Gagnon, J. H. (1987). A sexual scripts approach. In J. H. Geer & W. T. O'Donohue (Eds.), *Theories of human sexuality* (pp. 363-383). London: Plenum Press.
- Socarides, C. W. (1978). *Homosexuality*. New York: Jason Aronson.
- Tasker, F., & Golombok, S. (1995). Adults raised as children in lesbian families. *American Journal of Orthopsychiatry*, 65, 203-215.
- Tasker, F., & Golombok, S. (in press). Growing up in a lesbian family. New York: Guilford Press.
- Tiefer, L. (1987). Social constructionism and the study of human sexuality. In P. Shaver & C. Hendrick (Eds.), *Sex and gender. Review of personality and social psychology* (Vol. 7, pp. 70-94). London: Sage.
- Whitam, F. (1977). Childhood indicators of male homosexuality. *Archives of Sexual Behavior*, 6, 89-96.
- Whitam, F., & Mathy, R. (1991). Childhood cross behavior of homosexual females in Brazil, Peru, the Philippines and the United States. *Archives of Sex with Behavior*, 20, 151-170.
- Williams, K., Goodman, M., & Green, R. (1985). Parent-child factors in childhood socialization in girls. *Journal of the American Academy of Child Psychiatry* 26, 720-731.
- Zuger, B. (1984). Early effeminate behavior in boys: Outcome and significance for homosexuality. *Journal of Nervous and Mental Disease*, 172, 90-97.